

VIOLÊNCIA ESCOLAR E A PRÁTICA DO *BULLYING* ENTRE OS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II DA ESCOLA DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (EA/UFGPA)

Luciano Tadeu Corrêa Medeiros¹
Paulo Sérgio de Almeida Corrêa²

RESUMO

O artigo traz a análise teórica de dados de uma pesquisa que trata da violência escolar e sua forma de expressão por meio do *bullying*, desenvolvida entre os alunos do sexto ano da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará. O objetivo é verificar se há incidência da prática do *bullying* e como ele se estabelece no contexto dos alunos. Os problemas consistem em identificar de que forma esse fenômeno tem sido abordado na produção historiográfica, com que frequência acontece e quais as estratégias propostas no Projeto Político Pedagógico dessa instituição escolar visando combatê-lo. Para a elaboração do artigo, foi utilizado o método quanti-qualitativo, uma pesquisa bibliográfica realizada durante a disciplina História da Educação Brasileira da Amazônia, no 4º semestre do curso de Pedagogia entre os meses de maio e junho de 2019 e uma pesquisa documental. Os instrumentos foram entrevistas semiestruturadas com Coordenadoras Pedagógicas, Professores e o Vice-diretor; um questionário para os alunos; Observações em sala de aula e durante o intervalo de Recreio. O embasamento teórico foi desenvolvido partir dos pressupostos de ADORNO (1995), BOOTH; AINSCOW (2002), FREIRE (1996), SANTOS (2009), CROCHIK (2016). O resultado indica dificuldades por parte dos professores em conceituar as diversas expressões da violência o que compromete o diagnóstico do *bullying*. Aponta a ausência de uma política pedagógica e educacional voltada para orientar de forma objetiva os alunos não apenas ao que está relacionado às questões que envolvem o *bullying* como também outras formas de violência estabelecidas na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Violência escolar, *Bullying*, Aprendizagem, Prática docente, Diversidade.

INTRODUÇÃO

A violência apresenta diversas formas de expressão no contexto escolar. Dentre as múltiplas expressões desse fenômeno, algumas delas se encontram com aspectos de normalidade dentro da escola. Uma dessas formas de violência que passou a fazer parte do interior desses ambientes há algum tempo tem chamado a atenção de pesquisadores, educadores e toda a comunidade escolar. Trata-se do *bullying*, que tem sido muito investigado e discutido, por se tratar de uma dessas formas de violência normalizada que está presente dentro desses espaços educativos.

Durante nossa permanência no interior da Escola de Aplicação da UFGPA, como estagiários de *Gestão e Coordenação Pedagógica em Ambientes Escolares*, que iniciou no dia 16 de abril de 2019 e encerrou no dia 07 de junho de 2019, pudemos observar que o

¹ Discente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFGPA). E-mail: lucianomedeiros2602@gmail.com

² Doutor Em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Professor Titular da Universidade Federal do Pará (UFGPA) E-mail: paulosac@ufpa.br

comportamento de certos alunos do sexto ano do Ensino Fundamental II traziam algumas dessas práticas de violência como característica e em muitos momentos, percebemos que para os mesmos, tais comportamentos não seriam nada além de uma brincadeira, pois eles agiam como se a presença de algumas diferenças entre eles se tratasse de anormalidades passíveis de discriminações e por isso, para eles, as anormalidades justificavam suas ações de violência em relação ao outro. A não compreensão desse diferente resultava em ofensas e insultos, ações estas, atribuídas ao que se havia aprendido previamente fora do ambiente escolar, adquiridas como a base de um comportamento que lhe fora incorporado, a partir de suas vivências cotidianas. Nesse sentido, chamou-nos a atenção a importância de investigarmos, se dentro dessas expressões de violência na escola, o *bullying* estava presente entre esses alunos do sexto ano, pois, se o *bullying* é uma realidade presente entre eles, o caminho que essa prática percorre até se estabelecer no contexto escolar dos mesmos e frequência com que essas ações de violência acontecem entre os mesmos, também é um ponto que deve ser investigado, assim como verificar se o assunto é tratado pela escola objetivando especificamente trabalhar a educação desses sujeitos em relação a essa questão. Essas investigações para nós teria uma grande relevância, pois se trata de uma questão que está ligada à educação e à nossa formação como pedagogos, visto que, a escola será o mais importante espaço educativo de nossa atuação profissional.

A importância de se compreender as situações e os fatores que envolvem práticas de violência no ambiente educativo, contribui de forma expressiva para um fazer docente que se proponha ensinar os alunos a lidar com o respeito e a aceitação do diferente, fazendo com que estes sejam envolvidos em um ensino que proporcione garantias de que nessa fase de escolarização, os mesmos irão intensificar sua compreensão sobre as diversidades existentes, tanto no contexto escolar como no contexto social, desenvolvendo na formação desses alunos, a identidade de sujeitos voltados a promover o respeito à diversidade e aos diferentes, na tentativa de erradicar tanto da realidade escolar quanto da realidade social, fatores com aspectos dos mais variados tipos de violência, pois a partir de pesquisas com esta proposta, a escola passa a ter subsídios para propor um processo educativo, que possibilite a reconfiguração do seu contexto, e agindo de forma preventiva, já que a mesma, deve ser a proponente de uma educação formadora de sujeitos críticos e capazes de compreender a todos e a si mesmos, como parte integrante do meio social do qual fazem parte, cuja composição, é o resultado de uma diversidade.

É importante destacar, que pesquisas relacionadas ao tema *bullying*, ampliam o acervo da produção de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Pará (UFPA), relacionados a

essa temática, possibilitando uma reflexão a partir de perspectivas variadas em relação a esse fenômeno, que como uma realidade presente na escola, requer estudos mais intensificados para que, os profissionais da educação que estão sendo formados por esta universidade, sejam preparados para atuarem frente a essas demandas.

Essas pesquisas colocam também em destaque, o Instituto de Ciências da Educação desta instituição, onde os temas investigados nessas pesquisas, refletem a preocupação com as questões relacionadas a problemas existentes nas escolas, que envolvem diretamente a formação do pedagogo e seu futuro fazer docente na busca de tratativas, das problemáticas ligadas à educação.

Compreendemos que para a Faculdade de Educação desse instituto, as iniciativas de desenvolver pesquisas relacionadas ao diagnóstico da violência nas escolas, principalmente às públicas, colaboram para que esta faculdade se faça presente junto às instituições de ensino, pois estando mais próximo da educação básica, sendo essa a que dá início à formação dos sujeitos, tem nessas investigações feitas pelo corpo, tanto discente como docente ligados a essa faculdade, as expectativas de diagnósticos que podem nortear as propostas da escola na solução de problemas ligados ao tema dessas pesquisas, principalmente os que envolvem a violência no sistema educacional, por contribuírem muitas vezes, para direcionar a comunidade escolar acerca de ações preventivas, no que se refere a essas situações de violência presente nas escolas.

A iniciativa de desenvolver investigações nas escolas da rede pública, relacionadas às manifestações de violência nesses espaços, faz com que o curso de Pedagogia, reafirme o compromisso de proporcionar o envolvimento do aluno com a pesquisa e coloca o mesmo em contato direto com a dinâmica, não apenas do curso como também do seu principal espaço de atuação profissional após sua formação, pois se compreende a importância de se inserir estes graduandos nos espaços educativos, frente às situações escolares cotidianas, para que esses desenvolvam pesquisas ligadas à questões educacionais ainda em seu momento acadêmico.

Mesmo sabendo que não são em todas as disciplinas do curso de pedagogia que se desenvolvem pesquisas, em alguns de seus componentes curriculares, neste caso, na disciplina “História da Educação Brasileira da Amazônia”, os alunos são estimulados a desenvolverem suas produções acadêmicas e científicas, por meio da análise dos resultados de pesquisas por eles realizadas, contribuindo com questões de grande relevância ligadas à educação, possibilitando aos discentes, publicações de diagnósticos e apresentação dos resultados de suas pesquisas, que irão auxiliar na tratativa de problemas educacionais, fazendo dessa forma, que além do ensino, a pesquisa a extensão, estejam presentes na formação dos graduandos do curso de pedagogia, envolvendo-os no tripé formativo que é a base da Universidade.

A violência escolar tem sido um tema bastante abordado por autores que desenvolvem suas pesquisas nessas perspectivas, destacando a questão do *bullying*, pois situações como estas, as vezes se tornam um obstáculo para que muitos permaneçam presentes na escola, sendo portanto impedidos, de dar continuidade ao seu aprendizado e potencializar seu desenvolvimento, dentro de um ambiente que se constitui democrático, sendo isso também um assunto bastante pesquisado. BOOTH; AINSCOW (2002), SANTOS (2009), CROCHIK (2016), são autores que deram sua contribuição dentro dessa temática e por isso subsidiam a análise teórica deste trabalho.

Para atendermos os objetivos de nossas investigações acerca da violência que se expressa através do *bullying*, formulamos três problemas de pesquisa a serem investigados: Há prática de *bullying* entre os alunos do sexto ano da Escola de Aplicação da UFPA? Esses alunos têm compreensão, do que na verdade significa o *bullying* e são orientados pelos professores, sobre questões relacionadas à causa e consequência dessa prática? A instituição desenvolve projetos pedagógicos, para que se estimule o combate à prática do *bullying*, entre os alunos nessa fase escolar?

O objetivo geral desse trabalho é entender o que vem a ser o *bullying* e se este constitui uma prática de violência presente entre os alunos da escola pública. Os objetivos específicos são: 1. Verificar o entendimento que os alunos formam, sobre o significado da prática do *bullying*; 2. Identificar se os alunos realmente estão envolvidos, em práticas que configuram *bullying* e; 3. Analisar se os alunos recebem orientações na escola, para que compreendam a importância do respeito pelos colegas e por suas diferenças.

Utilizou-se o método quanti-qualitativa na elaboração deste trabalho, que contou com a realização de consulta e análise bibliográfica, uma pesquisa documental e aplicou-se um roteiro de entrevista semiestruturada durante os meses de maio e junho do ano de 2019, onde foram utilizados os seguintes instrumentos: no 1º momento foram feitas entrevistas com os professores das turmas pesquisadas, com o vice-diretor da instituição e com as coordenadoras pedagógicas do Ensino Fundamental II, no 2º momento foram feitas observações dos alunos em sala de aula e no horário do recreio. No 3º momento, foi aplicado um questionário para os alunos do 6º ano.

As fontes de pesquisa documental consistiram na avaliação das “Fichas de Ocorrência”, que são documentos formais nos quais os alunos fazem suas declarações acerca de fatos ocorridos entre eles, que caracterize algum ato de infração no interior da escola. Esses documentos são na verdade reclamações feitas junto à Coordenação de Ensino, para que a mesma tome providências sobre qualquer evento irregular que envolva um ou mais alunos.

Dentre os acontecimentos descritos, encontram-se todos os tipos de violência que esses alunos vivenciam. Esse levantamento selecionou as Fichas de ocorrência dos alunos que foram protocoladas na Coordenação de Ensino, a partir do dia 11 de março (dia do início das aulas do ano letivo de 2019) até o dia 25 de maio de 2019, momento em que foram recolhidas para serem analisadas. O trabalho teve início no dia 25 do mês de maio do ano de 2019 e sua conclusão se deu no dia 04, do mês de julho no mesmo ano.

A partir de uma composição conjunta das observações dos autores da pesquisa, que embora com um olhar diferenciado para algumas questões, foi possível se extrair dessa pesquisa uma definição unificada dos resultados, pois ambos compreendem, que apesar das diferentes formas de análise e seus variados olhares como pesquisadores, os resultados não permitem tomar direcionamento oposto, mas esclarecem exatamente o que os mesmos buscam com suas investigações, fazendo ser possível uma unidade na elaboração dos resultados apresentados neste artigo.

EDUCAÇÃO, VIOLÊNCIA E PRÁTICA DO *BULLYING* NA ESCOLA DE APLICAÇÃO DA UFPA.

Considerando que na Educação, existe um potencial para o desenvolvimento de ações contra a violência (ADORNO, 2004), ressaltamos a importância de práticas educativas que sejam usadas, como recursos de combate à esta violência, essas práticas devem estar comprometidas com a formação de sujeitos voltados para a compreensão das diferenças, do respeito ao individual e dos interesses do coletivo (FREIRE, 1996). Partindo desse pressuposto, é preciso que os Educadores estejam atentos e sensíveis para perceber como esses sujeitos se constituem. Segundo Booth; Ainscow (2010, p.9) “as diferenças entre os alunos no que diz respeito aos seus interesses, conhecimentos, capacidades, meios de origem, língua materna, competências ou deficiências, podem constituir recursos de apoio à aprendizagem”.

A violência é um fenômeno social muito presente em nosso cotidiano. Está ligada diretamente a fatores políticos e econômicos (ADORNO, 2004). Percebemos, por meio dos veículos de mídia, que o grande crescimento desse fenômeno, que também acaba se tornando um dos maiores problemas sociais, enfrentados na atualidade, acaba atingindo instituições como Família, Escola e Igreja, principalmente, dentro dos grandes centros urbanos.

Ao pesquisarmos sobre violência urbana é interessante que tenhamos em mente a situação social, impactada pela política econômica globalizada, a qual afeta instituições como a família, a escola e a Igreja. Devemos, ainda, apreender e compreender a influência dessa política econômica sobre cada uma dessas instituições. (SANTOS, 2009 P.238)

Ao passar a fazer parte do interior dessas instituições, a violência reverbera problemas ainda maiores. No caso do ambiente escolar, o reflexo da violência será percebido de várias formas, pois a violência originária da escola, pode se manifestar através de inúmeras expressões, sendo uma delas o *bullying*. Segundo CROCHIK (2008 p. 10)

[...] o *bullying* é a ação que submete a vítima ao domínio do autor da agressão [...] refere-se a uma ação constante em defesa de diversos alvos de agressão, manifestada de diferentes formas; não há especificidade em relação a esse alvo que não necessariamente está associado a uma minoria.

Percebemos que as interações entre os sujeitos envolvidos nas relações que configuram *bullying*, são de subjugação por parte do opressor e de sujeição por parte da vítima, sendo que o que na verdade ocorre é uma relação de força e de poder simultaneamente, pois sob esse *status* de violência, a vítima sempre é a que se encontra sem potencial de ação, não havendo outra opção a não ser a aceitação e o silêncio (SANTOS, 2009; CROCHIK, 2016), pois “Neste jogo das interações da vida cotidiana, os dominados nas relações de forças simbólicas entram na luta em estado isolado, não restando outra escolha a não ser a da aceitação” (SANTOS, 2009 p.240).

Conforme já afirmado, quando falamos de violência escolar, reconhecemos que a mesma está presente no interior da escola e pode ser percebida, a partir de variadas manifestações (CROCHIK, 2016), e o *bullying* se configura como uma das formas de violência, presentes nesses ambientes e a proposta educativa desses espaços, devem se determinar, exatamente contrárias a essas práticas (ADORNO, 1995), mas ela é nitidamente percebida entre os alunos dentro desses espaços educativos.

Sobre o significado do *bullying*, os autores Campos, Jorge (2010) nos afirmam que:

O termo *bullying* é de origem inglesa e ainda não há correspondente na língua portuguesa que possibilite uma tradução literal. Vem do vocábulo inglês *do bully*, que significa agredir, intimidar, atacar. Nessa perspectiva, *bullying* constitui o ato de ser um agressor, intimidador, juntamente com todas as condutas usadas por esses agressores contra outras pessoas (CAMPOS; JORGE, 2010 p.109).

Uma das práticas mais constantes de violência no ambiente escolar, o *bullying* apresenta algumas semelhanças com outras formas de externalização e materialização da violência nas escolas, mas entre os fatores nos quais se assemelham, deve ser considerado que, há peculiaridades referentes à cada uma dessas ações, para que não sejam confundidas no momento de identificação e diagnóstico de cada uma delas. A mais presente manifestação de violência que se assemelha ao *bullying* é o preconceito, que leva a ações discriminatórias (CROCHICK, 2016). Na maioria das vezes, essas duas formas de violência são confundidas, até pelos mesmos pelos professores, que procuram estar atentos às suas diferenças, estes na maioria das vezes, não conseguem desassemelhar essas ações. A partir disso, percebemos que

se estabelece entre os mesmos, uma confusão de conceitos, que muitas vezes, não estão definidos para quem lida com a violência escolar, dificultando seus diagnósticos conforme podemos observar:

Prosseguimos a discussão acima, poder-se-ia diferenciar dois fenômenos associados à violência: preconceito e *bullying*. O preconceito, conforme afirmado, é uma atitude, uma tendência para ação; o *bullying* é uma ação; o preconceito se destina a um alvo fixo, com motivos justificados específicos ou não, como mostra o caso da projeção seletiva e da projeção não-seletiva, e o *bullying* tem como base sobretudo o desejo de submissão do outro à vontade do autor da agressão. A ação correspondente ao preconceito é a discriminação [...]. (CROCHIK, 2016, pp.8-7).

Se as ações que definem o *bullying*, como uma das expressões da violência presente no cotidiano de muitas escolas da rede pública de ensino, e se essa expressão da violência se encontra estabelecida dentro do contexto escolar, o que dizer dos alunos do sexto ano do Ensino Fundamental II? Alunos que em um momento de transição, entre infância e adolescência, estão ao mesmo tempo no término de uma fase e início de outra e como sujeitos em desenvolvimento, buscam suas afirmações no mundo e como integrantes deste e do seu meio, através de ações desenvolvidas em suas relações, que os caracterizem sujeitos partícipes desse novo momento, envoltos nesse novo tempo. Esse momento “[...] se configura, então, como um período de experimentação de valores, de papéis sociais e de identidades e pela ambiguidade entre ser criança e ser adulto” (SALLES, 2005 p.36-37).

Os alunos do sexto ano, que se encontram nessa fase um tanto complexa da vida, são sujeitos de nossa pesquisa, pois se existem fatores que interferem na sua formação e afirmação de identidade, torna-se necessário a investigação, para compreendermos se nesse momento da vida, durante o processo de escolarização desses sujeitos, em meio a essas experimentações, encontra-se a violência, se esta é externada por eles através da prática do *bullying* e se essas ações estão presentes em seu comportamento, como uma dessas tentativas de autoafirmação ou mesmo como reflexo de uma falta de estrutura pedagógica da escola, que esteja fundamentada na construção dos valores desses sujeitos.

Conforme expressa a Constituição Federal, a Educação é um direito social de todos e um dever do Estado (BRASIL, 1988). Partindo desse princípio, elegemos a Educação como parte integrante da vida social dos sujeitos e que esta deve ser desenvolvida em conjunto com a família e a sociedade, buscando combater fatores que venham a incorporar nesses sujeitos, um comportamento baseado em atitudes que reflitam a violência e busquem desenvolver nestes, valores que venham a combater essa postura. Levando em consideração esses pressupostos, buscamos avaliar qual o tipo de Educação que está sendo disponibilizada na Escola Pública

para a formação dos alunos nesse sentido, haja vista a mesma ser um direito garantido pela Constituição?

A Escola de Aplicação da UFPA (EA/UFPA) está localizada na Av. Perimetral, 1000, no bairro da Terra firme, em Belém (PA), área da periferia da cidade e foi o local que escolhemos para o desenvolvimento de nossa pesquisa, pois durante o nosso estágio de “Coordenação e Gestão Pedagógica em Ambientes Escolares”, pudemos estar presentes no interior da escola e ter um contato mais próximo com os alunos, com os quais passamos a conviver e cujo comportamento dentro da escola, nos chamou a atenção, pela constante agressividade com que muitos alunos se tratavam durante os intervalos, em meio aos espaços da escola.

Observamos que comumente, eram trocadas palavras de insultos e ofensas entre os alunos menores, que constatamos serem os do sexto ano, cujas atitudes, pareciam um comportamento normal para os mesmos. Optamos então por investigar, se dentro dessas expressões de violência, esses alunos também se utilizavam do *bullying* como uma das formas de materializar essa violência entre eles.

Um fato interessante, e que deve ser lembrado, é que a Escola de Aplicação está sempre aberta à Pesquisa. Há inclusive um departamento específico para esse fim, a Coordenação de Pesquisa e Extensão (CoPEX), que auxilia nesse processo, haja vista, a Escola ser um Campo de Estágio, para a formação de profissionais da Educação e um grande espaço para o desenvolvimento de Pesquisas relacionadas à Ela.

Os dados iniciais coletados na pesquisa estão relacionados a todos que foram sujeitos da mesma, conforme podemos identificar nas informações, contidas no quadro 1:

Quadro 1: Sujeitos da Pesquisa

Turmas	Alunos	Professores	Coordenadoras Pedagógicas	Diretor e/ou Vice-diretor
6001	25	03	02	01
6002	24			
6003	30			
6004	30			
Total	109	03	02	01

Fonte: Elaborado pelos autores

Os professores, as coordenadoras Pedagógicas e o Vice-diretor, contribuíram através das entrevistas, com declarações sobre as questões que envolvem o *bullying*, no interior da sala de aula e da Escola, e ainda pudemos contar com a Coordenação de Ensino Fundamental

II, através do setor administrativo, para a análise dos documentos que se relacionam com a pesquisa.

Embora já tivéssemos tido um contato não muito próximo com os alunos, é bom considerar, que foi durante o desenvolvimento da pesquisa que tivemos nosso primeiro contato direto com os mesmos, isso aconteceu no momento das observações em sala. Fomos apresentados como pesquisadores, que iríamos participar de uma das alas, para fazermos algumas observações, sem que os alunos tivessem recebido mais detalhes, do que realmente se tratava a nossa presença como pesquisadores. Também observamos os alunos e suas interações durante o intervalo do recreio para colher dados acerca de seus comportamentos.

A primeira impressão que tivemos, foi a de uma forma amistosa de convívio entre os alunos na sala de aula. Ajudavam uns aos outros nas tarefas demandadas pela professora e eram solidários no compartilhamento de materiais. Durante o intervalo recreativo, os alunos brincavam e se divertiam uns com os outros, de forma aparentemente saudável. Isso ocorreu durante todos os dias de nossas observações, as únicas exceções foram que em alguns momentos durante o recreio, onde flagramos algumas agressões verbais e xingamentos entre eles, mas logo em seguida, voltavam às suas atividades normalmente, confirmando o que já tem sido registrado pelos autores da literatura relacionada ao assunto:

[...] a escola, de modo concomitante e paradoxal, além de se instituir como instância de aprendizagem de conhecimento e de valores, bem como de exercício da ética e da razão, tem-se configurado como um espaço de proliferação de violências, incluindo, brigas, invasões, depredações e até mortes. É um espaço em que os alunos, em plena fase de desenvolvimento, se deparam, constroem e elaboram experiências de violência (ASSIS; AVANCI; OLIVEIRA, 2006, p.36)

Percebemos que, embora os alunos do sexto ano do Ensino Fundamental II estejam em uma fase de transição, entre o ser criança e a adolescência, não podemos ignorar que a escola, deve trazer em seus processos educativos, mecanismos que auxiliem nesse desenvolvimento, tanto cognitivo quanto biológico. Por esse motivo, esses fatores também não devem ser compreendidos de forma isolada, no que diz respeito ao desenvolvimento desses sujeitos, visto não ser possível desassociar seu comportamento das ações biológicas, pois o humano é um conjunto de potenciais que se estabelecem de forma harmônica (FREITAS, 2006), sendo visíveis, nessa fase, as mudanças tanto de segmentos biológicos, quanto de ordem cognitiva, que impactam na compreensão da violência praticada por esses alunos.

Notamos que os alunos do sexto ano do Ensino Fundamental II da EA/UFGA tem sido, de certa forma, informados sobre violência, especificamente no que se refere à prática do *bullying*, como uma de suas expressões, pois esses alunos conseguem compreender, que o

bullying é algo nocivo e sua prática deve ser evitada. Compreendem também, que não é um comportamento adequado e é moralmente reprovável, ainda que em outras situações da pesquisa, tenhamos percebido que esses alunos não conseguem expressar o significado do mesmo.

Os dados apontam que entre os alunos, a maioria sugere ter noção do que o *bullying* significa e como ele se caracteriza dentre tantos outros tipos de violência. Identificar essa prática é algo que os mesmos têm dificuldade, pois toda ação de agressão e até mesmo outros tipos de violência, são considerados *bullying* por alguns deles. Isso se identifica, a partir da comparação das respostas dadas no questionário, com a análise das Fichas de Ocorrência, pois as declarações feitas nessas ocorrências contradizem as respostas dos questionários, visto que, nas ocorrências que declaravam ações de violência por parte de alunos, apenas em uma delas, o aluno denunciava o *bullying*, mas a mesma não se caracterizava realmente como sendo essa prática de violência (Quadro 4), o que exige a necessidade de Projetos Pedagógicos que viabilizem o esclarecimento dessas questões entre os alunos. No quadro 2, é possível identificar essas observações.

Quadro 2: Compreensão do *bullying* pelos alunos

TURMA	Qual o significado do bullying pra você?			Quais os objetivos do bullying pra você?			Quais as consequências do bullying pra você?		
	Brincadeira de mal gosto	Agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva	Não sei responder	Intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade e ou capacidade de se defender	Brincar com o colega por ele apresentar alguma diferença dos demais	Não sei responder	Nenhuma, pois o <i>bullying</i> não traz grandes consequências	A causa da dor e do sofrimento das vítimas	Não sei responder
6001	08	21	00	13	01	01	01	22	02
6002	12	16	00	16	05	03	00	19	05
6003	12	19	01	21	08	04	01	30	00
6004	04	26	00	24	01	05	01	29	00
Total	36	82	01	74	15	13	03	100	07

Fonte: Elaborado pelos autores.

É importante o combate a todo e qualquer tipo de violência (ADORNO, 1995), mas quando as modalidades dessa violência são diagnosticadas de forma correta, a prevenção e o

tratamento podem (e devem) se tornar um enfrentamento mais efetivo (CROCHIK, 2016). Se a escola tem se tornado palco de todas essas situações de violência, a EA/UFPA não está isenta de que esses fatos estejam presentes em sala de aula ou em todo seu contexto, embora com inúmeras formas de violência presentes entre os alunos do sexto ano, o *bullying* não foi identificado entre eles no espaço da sala de aula, nem no espaço que compreende a escola, ainda que os mesmos informem o contrário (conforme observamos no quadro 3), quando verificamos que dos 109 alunos, 11 declararam ter praticado *bullying*, 49 disseram ter sido vítimas de *bullying* e 58 afirmaram ter presenciado outros terem sido vítima de *bullying*

Quadro 3: Relação dos alunos com o *bullying* na sala de aula.

TURMA	Praticaram <i>Bullying</i> na turma			Foram vítimas de <i>bullying</i> na turma			Presenciaram <i>bullying</i> entre os colegas de turma		
	Sim	Não	N.R	Sim	Não	N.R	Sim	Não	N.R
6001	04	20	01	10	14	01	13	10	02
6002	00	24	00	11	13	00	09	14	01
6003	04	26	00	16	13	01	18	12	00
6004	03	27	00	12	18	00	16	11	03
Total	11	97	01	49	58	02	56	47	06

Fonte: elaborado pelos autores.

. Esse quantitativo seria algo visível pela escola, caso o diagnóstico fosse verdadeiro. Não haveria possibilidade de a comunidade escolar não se mobilizar em meio à proliferação de uma prática de violência tão corriqueira na escola.

Segundo informações coletadas durante a pesquisa, há uma preocupação preventiva em relação não apenas a esses alunos por parte da Escola, mas no que se refere aos professores, segundo os mesmos, essa fase deve ser cuidada de forma mais objetiva. Isso não quer dizer que efetivamente o *bullying* não seja possível entre eles, mas a imaturidade e a proximidade à infância ainda os fazem carregar determinada dificuldade de compreender que em que algumas brigas, discussões e até mesmo agressões verbais ou físicas estão presentes outras formas de violência, mas não de forma constante, continuada e opressora não se caracterizando dessa forma como *bullying*. O conceito de *bullying* para eles ainda não é algo que não está claro.

PERSPECTIVA DOCENTE NA PREVENÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DO *BULLYING*

O papel docente na prevenção e no enfrentamento do *bullying* nas escolas exerce um caráter fundamental no processo de desconstrução e combate desse fenômeno, pois o professor, em muitos casos, é o que está mais próximo de identificar a incidência dos mesmos e acompanhar seus desdobramentos e consolidação tanto em sala de aula como em outros espaços da escola. Por esse fato, muitos docentes têm buscado agregar diferentes metodologias

às suas técnicas de ensino, pois eles não devem mais estar preocupados apenas com a transmissão do conhecimento, reconhecendo assim uma série de fatores que envolvem e influenciam diretamente a questão do aprendizado e do relacionamento dos alunos na sala de aula, instigando neles o desenvolvimento do senso crítico, da tolerância e do respeito, colocando, dessa forma, o aluno como sujeito partícipe do meio e também responsável pelas ações de construção do mesmo, conforme argumenta Freire (1996, p.12).

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem *fornecer* ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Por intermédio das entrevistas aplicadas aos professores das turmas do 6º ano do Ensino Fundamental II da EA/UFGA, foi possível perceber a considerável preocupação deles no que diz respeito ao enfrentamento do *bullying* nas turmas, haja vista todos os entrevistados de alguma forma trazem essa discussão para dentro das salas de aula, procurando conscientizá-los da necessidade desse enfrentamento e das consequências de seus desdobramentos.

Percebe-se, porém, que tais discussões necessitam ser trabalhadas de forma mais articulada, envolvendo não somente a escola, mas, principalmente, a família, conforme argumenta a Professora B:

[...] então os pais eles não precisam concordar em tudo, são indivíduos, tem pensamentos diferentes, mas alguns valores, algumas concepções, você precisa conversar antes porque senão a gente vai ter essas encrencas, porque eles não aprendem com sermão, eles aprendem com exemplos, se ele precisa desse exemplo em casa e ele não tem esse exemplo em casa se ele chega na escola o professor “A” age de um jeito, o professor “B” age de outro, o coordenador faz isso, o diretor diz aquilo, o menino também fica nesse dilema, isso sem enveredar por redes sociais que aí a coisa fica maior do que se pode pensar [...] é teria que ter uma ação articulada, se a gente pensa na família já é complicado, um núcleo pequeno, imagine uma instituição de ensino?

De fato, a família é a instituição imediata, que junto ao Estado, é a grande responsável pela educação e formação dos sujeitos no preparo para a cidadania, esse é por sinal um dos princípios e fins da Educação Nacional segundo as Leis de Diretrizes e Bases (LDB), dispõe em seu Artigo 2º. (BRASIL, 1996).

O grande vulto de informações, obrigações e atribuições vivenciadas pela criança e pelo adolescente pode resultar na inércia dos mesmos frente aos conflitos, reiterando assim a importância de uma ação conjunta e planejada dos responsáveis por essa construção (FREIRE, 1996), entretanto, não é novidade a real fragilidade e vulnerabilidade social e econômica de muitas famílias, o que reforça a importância do papel da escola nesse enfrentamento (SANTOS,

2009), tornando a relação aluno-professor essencial nessas articulações que desenvolvem sujeitos igualmente responsáveis a partir do processo de execução de uma verdadeira educação, conforme afirma FREIRE (1996, p.12):

[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos.

Outro ponto que ficou bastante evidente no posicionamento dos professores entrevistados, foi a questão da diferença no comportamento dos alunos durante a presença e a ausência deles (professores) em sala de aula, ou seja, a prática ou não de *bullying* ou qualquer outro tipo de violência fica condicionado à presença ou não da figura do professor em sala, conforme relata o Professor A:

[...] quando eu estou presente né, aí isso não ocorre mas eu percebo que quando eu me ausento aí volta a acontecer, quando eu saio de cena aí volta a ocorrer, de um indivíduo para outro ou de um indivíduo para o grupo ou de um grupo para o indivíduo, né, então assim, é.. então não é praticado ação porque tem um controle e a disciplina do professor, eu saí, aí volta ao normal né, percebendo a isso aí a gente faz um trabalho, não adianta você fazer ne, uma ação ter uma atitude diante de um professor e o fato de ter uma outra quando ele não está, então há a necessidade disso.

Tal relato coaduna com o posicionamento da Professora B:

[...] determinados comportamentos que a gente enxerga de forma pontual na nossa turma que a gente resolve nesta aula e nas outras aulas nossas não acontece mais, porque na nossa presença nós fizemos uma intervenção, não significa dizer que a coisa não prossiga em outras disciplinas com outro professor que talvez não esteja enxergando, mas o aluno continua passando lá pela problemática.

Fica esclarecido que a presença dos professores inibe determinadas ações dos alunos, mas esses professores não esclarecem se o *bullying* está presente e sua prática também é inibida a partir de sua presença em sala de aula, ela pode estar inibindo outros tipos de violência que não seja o *bullying*, mas a própria percepção sobre essa questão não permite um diagnóstico preciso, pois se o *bullying* existe entre os alunos, não seria isso facilmente denunciado pelos próprios alunos vítimas dessa violência, através de uma ocorrência junto à coordenação? Ou seja, é completamente claro que a prática do *bullying* entre os alunos seria uma ação que não está vinculada a uma questão essencialmente de respeito, mas sim em muitas situações de pura conveniência que não são praticadas de forma explícita, principalmente na presença de alguém que seja o “controlador” do ambiente. Essa reflexão finda por corroborar com a importância de ensinar os princípios e valores sociais que serão incorporados na construção moral desses sujeitos.

Dos cento e nove alunos que estavam presentes, foi possível extrair dados importantes relacionados a questões que envolvem a prática do *bullying* entre eles proporcionando que pudéssemos identificar de início, se esses alunos tinham compreensão do que estamos tratando quando falamos de *bullying*.

Durante a aplicação do questionário, fizemos uma fala inicial de apresentação, mesmo que tivéssemos sido apresentados anteriormente, nos momentos de observação para os alunos em sala de aula. Desenvolvermos uma conversa para estabelecer um diálogo mais próximo onde perguntamos informalmente sobre questões ligadas à violência e ao próprio *bullying*, sendo que os alunos demonstram estar bem à vontade para falar sobre o tema dando informações prévias sobre o assunto e sobre tudo o que já haviam de informações sobre ele.

Esse comportamento demonstrado por eles foi posteriormente confirmado através do questionário aplicado com esse objetivo, pois de todos esses, cento e oito declararam ter conhecimento sobre o *bullying*. As respostas das perguntas objetivas sugerem que esses alunos realmente conheçam sobre a existência do *bullying* e de como o mesmo está relacionado com eles não apenas de forma indireta como também diretamente, sendo que os mesmos até sugerem o significado do *bullying*. Observa-se no quadro 4:

Quadro 4: Relação pessoal dos alunos com o *bullying*.

Turma	Já ouviram falar sobre <i>bullying</i>	Sugerem o que significa <i>bullying</i>	Sugerem o objetivo do <i>bullying</i>	Sugerem a consequência do <i>bullying</i>
6001	25	25	24	22
6002	23	24	21	19
6003	30	29	27	30
6004	30	30	25	30
Total	108	108	97	101

Fonte: elaborado pelos autores

Outro fator importante da pesquisa foi a análise documental feita na escola, das ocorrências analisadas, 50% (cinquenta por cento) haviam sido feitas pelos alunos do sexto ano, sendo que apenas uma havia sido identificada como sendo relacionada ao *bullying*, mas ao verificarmos o teor da mesma, percebemos que a aluna havia conceituado o *bullying* de forma equivocada, pois de posse da ocorrência constatamos que a mesma havia sido vítima de agressão verbal, pois o aluno havia deferido verbalmente alguns palavrões e insultos em uma discussão, causando um constrangimento na mesma.

Esses equívocos conceituais são cometidos não apenas pelos alunos, mas também por uma boa parte dos próprios professores e educadores. Na maioria das vezes os professores tendem a generalizar as práticas de violência como práticas de *bullying* por existir semelhanças

em algumas delas (CROCHIK, 2016). Podemos identificar fatos como este a partir dos dados do quadro 4:

Quadro 4: Documentos analisados

Registro de ocorrências no primeiro bimestre de 2019				
Número de documentos (Ocorrências)	Relacionados com os alunos do 6º ano	Relacionados a outras turmas	Relacionados ao <i>bullying</i>	Relacionados ao <i>bullying</i> entre os alunos do 6º ano
18	09	09	01	01

Fonte: elaborado pelos autores

O mesmo acontece, quando analisamos as questões sobre a relação que os alunos têm com o *bullying*, pois eles acreditam ter sido vítima e até mesmo praticado *bullying* com os colegas, mas o que percebemos é que o conceito do que é realmente o *bullying* não está claro ainda para esses alunos e por terem praticado qualquer outro ato de violência, agressão ou até mesmo xingamentos, os alunos compreendem que esses comportamentos se tratam de *bullying*, como podemos confirmar a partir da leitura do quadro 5 :

Quadro 5: Relação dos alunos com o *bullying* na escola

Turma	Presenciaram <i>bullying</i> na escola	Praticaram <i>bullying</i> na escola	Foram vítimas de <i>bullying</i> na escola	Não praticaram, presenciaram nem foram vítimas
6001	06	02	06	12
6002	07	00	09	09
6003	09	03	13	11
6004	15	01	10	06
Total	37	06	38	38

Fonte: elaborado pelos autores.

A proximidade entre as formas de violência, é um dos maiores obstáculos no diagnóstico do *bullying*, não apenas nas escolas. Para Crochik (2016), o *bullying* não deve ser confundido com discriminação, pois esta é uma ação, que tem seus desdobramentos a partir do desenvolvimento do preconceito nos sujeitos. Se conseguirmos conceituar de forma correta essas ações de violência, podemos identificar facilmente o *bullying* entre os alunos, mas frente a essa generalização, é necessário que se tenha cuidado ao deferirmos um diagnóstico, que venha trazer prejuízos, tanto de ordem investigativa, como de ordem estatística. Isso ocasionaria uma dificuldade em trabalhar de forma precisa, as diferentes manifestações de violência que se estabelece entre os alunos.

INSTITUIÇÃO E PROJETOS: PROPOSTAS E AÇÕES ANTIVIOLÊNCIA

A escola passou por processos de mudanças significativas ao longo do tempo. Questões contemporâneas integram seu cotidiano, e a mesma, como o grande espaço de democratização do saber, deve se adequar a essas novas demandas. O papel do gestor é fundamental para que sejam efetivados novos valores contemporâneos em seu contexto. Segundo Alberici; Parizotto (2015, p.218)

Embora a democratização siga a passos largos para ser efetivada, ainda se depara com gestores negligentes perante fatos violentos na escola, os quais preferem transferir o problema ao invés de solucioná-lo. O perfil dos estudantes mudou ao longo do tempo, e a escola manteve-se reproduzindo valores tradicionais. Hoje, a escola não pode mais pregar conceitos como que é função da família educar seus filhos, cabendo à escola somente a função de instruir. Nada mais disso pode acontecer nas escolas, sendo elas privadas ou públicas. Essas duas regras devem andar juntas: educar diz respeito a um processo de desenvolvimento, e este perpassa também pela escola. [...]

Para que se atinjam os objetivos contemporâneos em relação à Educação, fazem-se necessárias adequações tanto pedagógicas e gestoras quanto administrativas e estruturais que impulsionem a escola para a criação de uma identidade que corresponda a novos tempos, onde as questões que a envolvem passem a construir um espaço que suporte todos de forma democrática e compreendendo que a escola na atualidade é composta por uma diversidade.

Ainda de acordo com Alberici; Parizotto (2015 p.218) nota-se que:

[...] A escola, nessa perspectiva, deve criar uma nova identidade, com dinâmicas curriculares significativas que enfatizem valores e emoções, preconizando a vida familiar de cada aluno, ter em mente o diálogo e a compreensão antes do julgamento. A dificuldade que as escolas têm com a violência está relacionada à forma que enxergam, procuram acabar com a violência nelas, mas não entendem porque ela acontece. A diversidade se faz presente; não é possível “fechar os olhos” e pensar que transferir o problema ou a punição é um meio de criar uma sociedade mais crítica, pois se estará contribuindo com o descaso com a educação pública brasileira.

Partindo desse princípio, combater a violência na escola, não é uma tarefa que se resolva isoladamente. Isso demanda ações que envolvam toda a instituição escolar e até mesmo pais, alunos e comunidade, mas a Gestão é um dos elementos centrais na busca desses objetivos, pois:

Em vista dessa realidade, como forma de enfrentar o fenômeno da violência, vê-se emergir diferentes estratégias no campo da gestão escolar, cada qual buscando formas que, vezes mais, vezes menos, incluem medidas de controle e de conscientização. Nesses processos, o papel do gestor é fundamental, assim como é a preservação de valores e procedimentos democráticos com o envolvimento da participação da comunidade escolar com o tema (ALBERICI; PARIZOTTO, 2015 p.130).

No que diz respeito ao *bullying*, que também configura uma forma de violência presente na escola, isso não se diferencia. A EA/UFPA, tem se mobilizado junto aos professores

e toda sua comunidade escolar na tentativa de buscar soluções na tratativa do problema e isso não acontece apenas com uma ou outra turma, mais com todos os alunos e profissionais envolvidos nas atividades educacionais da instituição. Segundo o Vice-diretor da escola:

[...] a gente tem feito nos últimos anos esses encontros com um especialista da área, pra fazer a discussão da formação continuada para que os professores tenham um mínimo de habilidade para lidar com a situação. Com os estudantes é o encontro pedagógico, que o é programa da agenda e vai a cada bimestre trabalhando, porque também nós temos que compreender que uma escola do nosso porte, a equipe técnica [...] é muito pequena e as demandas são muito grande [...] mas por exemplo, cada coordenação tem sua equipe pedagógica e tem um demanda muito grande. O *Bullyng* é apenas uma delas, tem outras demandas muito emergentes [...] a depressão é o fenômeno da modernidade entre jovens e adolescentes. [...] (Vice-Diretor da EA/UFPA)

O *bullying* também é incluído como pauta dessas discussões, esses programas que têm a intenção de proporcionar a compreensão sobre problemas relacionados a ele também são identificados na pesquisa, pois a maioria dos alunos indica que esse é um assunto que tem sido constantemente tratado pela escola e pela família, mas também é um assunto conhecido por outros meios, não sendo identificada a forma de como o assunto é tratado por estes meios e como os desdobramentos da questão do bullying (como forma de violência) é compreendido e transmitido a esses alunos conforme identificamos no quadro 6:

Quadro 6: Informações sobre o *bullying* a partir das relações sociais dos alunos

Turma	Onde ouviu falar de bullying?																			
	Em casa					Na escola					Em outros lugares					Por outros meios				
	Pais	Irmãs	Família	Nunca	Não recordo	Professores	Colegas	Coordenação	Nunca	Não recordo	Amigos	Informativos	Palestras	Nunca	Não recordo	Tv	Internet	Redes sociais	Nunca	Não recordo
6001	10	1	9	5	2	13	8	6	0	2	8	6	7	3	3	12	12	4	2	2
6002	10	2	6	4	4	12	8	6	1	2	8	0	1	4	11	7	9	4	2	6
6003	13	5	12	1	2	24	9	6	0	0	12	8	7	4	2	15	6	10	5	0
6004	17	3	8	0	5	23	8	8	0	3	8	8	10	2	7	10	10	7	0	7
Total	50	11	35	10	13	72	33	26	1	7	36	22	25	13	23	44	37	25	9	15

Fonte: Elaborado pelos autores

Os programas criados pela Gestão para tratar todos os tipos de demandas que envolvam os alunos de toda a escola, é amplamente apoiado pela comunidade e pelos pais dos alunos que também são convidados pela escola para participarem de palestras e oficinas que esclareçam questões da ordem cotidiana onde ações de cidadania possibilitem uma reflexão.

Além disso, podemos perceber através das colocações feitas pelo Vice-diretor da instituição, uma preocupação com as temáticas que envolvem essas questões, pois segundo ele:

[...] muita coisa que quando eles eram jovens e adolescentes não era *Bulliyng* era uma coisa muito corriqueira [...] a gente vive outro momento eles precisam compreender o momento atual que é outro os filhos deles estão vivendo outra realidade não é deles nem a minha então a gente precisa acompanhar essa modernidade [...] essa globalização ela colocou os jovens e adolescentes e muitos adultos sem direção. [...] (Vice-Diretor da EA/UFPA)

Para a gestão, saber lidar com essas questões sobre cidadania, tem como consequência a ampliação da percepção crítica de suas ações, possibilitando mudanças de relacionamento e convívio social como podemos perceber na fala do Vice-Diretor:

[...] Um(a) oficina(s) pros pais e pros jovens saber como [...] Procurar seus direitos com o abuso sexual na infância, veio um advogado do Ministério público, fez uma dissertação sobre esse tema e como é que cada um deve caminhar, quais são os órgãos que eu devo procurar pra resolver o problema porque eu penso assim, muitas vezes a criança é abusada e a família nem sabe onde recorrer. Neste segundo semestre agora vai[...] ter uma oficina para os jovens sobre direito constitucional que eu sempre digo isso assim: 'olha gente nós só sabemos dos nossos deveres os nossos direitos nós desconhecemos' onde que eu devo ir para reclamar. Então é bom fazer essa formação ne de cidadania [...] falar de direito, de ética, de cidadania'. [...] (Vice-diretor da EA/UFPA).

As ações da Gestão são importantes, mas isso não significa dizer que somente isso resolveria a desconstrução das práticas de violência entre os alunos, pois fatores diversos como econômicos, sociais, familiares, psicológicos, dentre outros, estão diretamente ligados a esses sujeitos, acentuando o enraizamento da violência na vida cotidiana dos mesmos (SANTOS, 2009).

O Plano Nacional de Educação (PNE), dentro de suas metas, prevê ações estratégicas para que a educação básica seja eficaz não apenas na permanência dos alunos do Ensino Fundamental na escola, mas para que os mesmos possam ter nesse momento de escolarização uma educação voltada ao combate a situações de discriminação, preconceito e violência na escola (Brasil, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Escola tem sido definida por alguns autores como o espaço democrático de ensino e aprendizagem para a formação do sujeito crítico e comprometido com a ética. Nesse sentido torna-se necessário pensar a construção de projetos pedagógicos escolares que tomem nesse posicionamento o direcionamento para que esses venham a ser seus objetivos e se tornem possível ainda que não o seja em sua totalidade e nos processos educativos que buscam essa finalidade o educador torna-se um importante agente nessa perspectiva, principalmente na

formulação de um projeto educativo, que elimine da realidade dos sujeitos ações que reverberem a violência, sendo esta a promotora da desigualdade e da injustiça entre os sujeitos.

Historicamente a violência tem sido uma ação presente nos ambientes de interação social e a escola tem sido palco de inúmeras manifestações desses fenômenos. Essas relações entre a violência e a escola, tem sido um tema bastante discutido e o autor Theodor W. Adorno, já nos informava sobre a questão da possível existência de uma educação que remetesse aos horrores de Auschwitz, nos fazendo refletir que a educação deve seguir no sentido contrário a toda e qualquer forma possível de expressão da violência e da opressão que a mesma proporciona.

Durante nossa pesquisa na Escola de Aplicação da UFPA (EA/UFPA), não percebemos nos comportamentos dos alunos do sexto ano, que os mesmos traziam o *bullying* como prática de violência entre eles. Foram percebidas algumas ações de violência em muitos momentos, mas o que acontecia na verdade eram fatos isolados de agressão verbal, moral e, às vezes, físicas em momentos ímpares entre os alunos.

Não é possível afirmar com 100% (cem por cento) de precisão que não existam dentre os alunos, qualquer um que esteja em situação de autor ou vítima de *bullying*, embora os mesmos tenham relatado em algum momento ter presenciado ou mesmo serem os autores da prática. Percebemos conforme nos afirmou o autor José Leon Crochick que a dificuldade em conceituar o *bullying* entre outras práticas de violência na escola, faz com que os alunos fiquem por generalizar toda e qualquer ação que indique um ato que em alguns casos, remetem a outros tipos de expressão da violência, como, por exemplo, a discriminação, a agressão verbal, moral ou física e que não necessariamente expressam o *bullying* como também não se caracterizam como tal. Esses alunos ainda não conseguem ter noções desses conceitos, por ainda ser algo muito complexo para sua compreensão, mas em nenhum momento foi diagnosticado ações continuadas, cotidianas e constantes de subjugação e opressão a nenhum dos alunos do sexto ano que foram observados.

Vale ressaltar que o corpo docente, também possui dificuldade para conceituar as ações de violência percebidas na escola, mas de uma forma bem menos acentuada, fato esse que pode estar ligado à confusão que os próprios alunos fazem em termos de conceitos sobre as práticas de violência. Esses profissionais são determinados na busca de soluções que combatam não só o *bullying*, mas outros tipos de violência e através de suas práticas conseguem desenvolver, ainda que a passos lentos e não percebido de forma clara pelos alunos, a desconstrução da manifestação de qualquer prática de violência entre eles, assumindo assim o

papel de agentes mediadores, responsáveis pela formação dos sujeitos críticos e reflexivos, dentro da proposta estabelecida pela escola.

As agressões verbais e até mesmo a violência física, na maioria das vezes se desenvolvem por algum tipo de preconceito ou de forma impulsiva em alguns momentos de adrenalina, desencadeadas pelas ações de brincadeiras que demandam esforço físico e mental. Essas expressões de violência sim estão normalizadas entre esses alunos, mas não configuram necessariamente o *bullying*.

A Gestão da escola, também está atenta a esses fatos e busca articulação com os professores o que é uma ação considerável, pois a escola deve estar articulada na busca de propor uma formação onde os sujeitos se tornem seres críticos e a partir disso tenham ações voltadas para o respeito ao coletivo, este processo por sua vez deve ser construído de forma amplamente democrática e essa é realmente uma proposta da escola.

Na visão geral dos professores e gestores, o *bullying* está presente na escola, é visível e concreto, mas ocorre entre alunos em toda a escola, não apenas com os do 6º ano e para os mesmos não é interessante desvincular esses alunos do quantitativo total, por isso quando se dirigem aos alunos do sexto ano, referem-se como a qualquer aluno que seja parte integrante da escola, pois o gestor não é responsável em gerir ações que estejam envolvidos apenas os alunos do sexto ano e sim todos os alunos da escola. Não é o que acontece com os professores, esses, são professores dos alunos da escola, estão lotados em classes e por isso tem uma visão mais pontuada em relação a essas classes, mas também não compreendem o *bullying* como uma expressão de violência na qual os alunos do sexto ano estejam à parte e isentos. Isso de certa forma é um benefício tanto para os alunos das outras turmas como para os alunos do sexto ano, pois os das outras turmas podem ser trabalhados na perspectiva da desconstrução enquanto que os do sexto ano podem ser trabalhados desde o início de forma preventiva, para que a violência não se torne algo normalizado entre eles durante sua trajetória na vida escolar, os mesmos já se encontrem com uma base desenvolvida para assumirem seu posicionamento em relação a essas questões que envolvem não apenas o bullying como também outros tipos de violência presente na escola.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: Palavras e sinais: modelos críticos 2. tradução de Maria Helena Ruschel; supervisão de Álvaro Valls. Petrópolis, Rj: Vozes, 1995.
- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- ADORNO, T.W. Cultura y administración. In: Adorno, T.W. Escritos Sociológicos I. Madrid: Akal, 2004. (Obras completas, 8).

ALBERICI, S.M; PARIZOTTO, A. A gestão escolar face ao fenômeno da violência. **Unoesc & Ciência** - ACHS. Joaçaba, v. 6, n. 2, p. 125-132, jul./dez. 2015.

ASSIS Simone G; AVANCI Joviana Q; OLIVEIRA Raquel V. C. Violência Escolar E Auto-Estima De Adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, p. 35-50, jan./abr. 2006.

BOOTH, Tony; AINSCOW, Mel. **Index para a inclusão: desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola**. tradução Ana Bernard da Costa e José Vaz Pinto: Versão portuguesa produzida pela Cidadãos do Mundo com autorização escrita da CSIE, 2002. Título original: *Índex for inclusion: developing learning and participation in schools*.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

BRASIL. **Lei 9.394/1996. Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 25/06/2019.

BRASIL, [Plano Nacional de Educação (PNE)] **Plano Nacional de Educação 2014-2024**. Lei n 13.005, de 25 de junho de 2014: que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências -2. ed, reimpr. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017 86 p - (Série legislação: n. 191)

CAMPOS, R. C; JORGE, S.D.C. Violência na escola: uma reflexão sobre o e a prática educativa. **Em Aberto**, v.23 n° 83 p 107-128, Brasília – março de 2010.

CROCHIK, J. L. (2016) **Preconceito em relação aos ‘incluídos’ na educação inclusiva**. São Paulo: IPUSP. (impresso).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996, 25ª Edição – (Coleção Leitura)

FREITAS, N. K. Desenvolvimento humano, organização funcional do cérebro e aprendizagem no pensamento de Lúria e de Vygotsky. **Ciência e Cognição** n° 9 p. 91-96 - Rio de Janeiro, 2006.

SALLES, Leila Maria Ferreira. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. **Estudos de Psicologia**, vol.22, no.1p.33-41 Campinas (Sp) Jan./Mar. 2005

SANTOS, Itamar Rocha dos. **Aspectos da Violência Urbana**. Caderno de Ciências Sociais Aplicadas, n° 56 p.237-250 – Vitória da Conquista (Ba), 2009.